

O mar, o adulto e o menino

Altino sentou-se à beira-mar, desfrutando dos movimentos das ondas. Para ele, olhar o vaivém da água lhe trazia felicidade, como se ela trouxesse e depois levasse os seus mais profundos pensamentos e sentimentos. Ao seu redor, um sem número de pessoas utilizava a praia com outros intuitos menos serenos e reflexivos.

E enquanto deixava o balanço do mar empurrar a sua imaginação para uma de suas memórias, um menino parou a sua frente. Encarou-o dobrando vagarosamente o pescoço e disparou: “O que você está fazendo?”. Sem paciência, Altino fingiu não ouvir e, dessa forma, manteve o olhar imóvel na direção do oceano, como se o pequeno garoto fosse invisível.

Não convencido da surdez do adulto, o pequenino deu um passo à frente, retirando o horizonte de Altino, e indagou: “Você está bem?”. Diante daquela preocupação tão doce e pueril, veio a resposta: “Sim. E você, está bem?”

O menino o analisou por alguns segundos, até que sua cabeça retornou à posição vertical. Logo veio a resposta: “Sim, estou. Posso lhe pedir um favor?”. Altino imaginou o quanto seria bom continuar levando e trazendo seus pensamentos ao mar, como se desfizesse e enrolasse um novelo sucessivas vezes. A interação com o pequeno acabaria fazendo-o sair daquele conforto mental em que se encontrava. Mesmo assim, não podia deixar de ser sincero diante do olhar daquela criança.

“Sim, pode!”, exclamou. Ao mesmo tempo, imaginou o que poderia vir como pedido daquele pequeno garoto. Será que pediria dinheiro? Talvez perguntasse por que estava olhando o nada ou, então, por que “tomava sol” de maneira diferente dos demais.

“Poderias me alcançar essa bola que está atrás do senhor, por favor?”.

No mesmo instante, Altino girou seu tronco e percebeu uma bola às suas costas. Recolheu-a com a mão direita e a entregou ao pequeno, que disse “obrigado” na mesma velocidade que corra na direção de seus amigos com a bola abraçada ao tronco.

Enfim Altino tinha novamente o horizonte limpo à sua frente, bastava agora mergulhar em seus devaneios e colher os frutos dos mais íntimos pensamentos.

Mas antes fosse assim fácil...

A vitalidade das crianças sempre o contagiou. Por mais que tentasse, sua concentração havia se esvaído. Levantou-se e logo parou ao lado dos pequenos moleques que ali brincavam com a bola. Por um momento os garotos fixaram o olhar no adulto ali parado, mas só por alguns segundos.

O jogo continuou.